

TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA CERÂMICA EM CRICIÚMA 1960 -1980

João Henrique Zanelatto^{**}

Antonio Luis Miranda^{††}

INTRODUÇÃO

Esse trabalho trata-se de um estudo sobre a história das trabalhadoras e trabalhadores do setor cerâmico de Criciúma, principalmente a partir da diversificação da economia local. O processo de diversificação industrial em Criciúma como em toda região Sul de Santa Catarina, ensaiou seus primeiros passos na década de 60, e se aprofundou nas décadas de 70 e 80. Esse processo atraiu um grande contingente de migrantes para Criciúma que constituíram a força de trabalho dos vários setores da indústria, assim como a incorporação das mulheres no mercado de trabalho, sendo as cerâmicas um dos setores que empregou um número significativo de força de trabalho feminino. Assim, buscamos apontar para o crescimento da mão-de-obra empregada no setor, tanto feminina como masculina, a organização sindical e as formas de resistência criadas pelos trabalhadores no cotidiano fabril.

Para compreender o processo de construção dessa categoria de trabalhadores utilizamos a noção de experiência e de classe desenvolvidas por E. P. Thompson, na qual a presença de homens e mulheres retornam “como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas como necessidades, interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essas experiências em sua consciência e sua cultura”. (THOMPSON, 1982).

Para Thompson essa experiência é trabalhada na cultura das pessoas e dos agrupamentos de pessoas de acordo com suas afinidades. A cultura é engendrada no âmago da experiência social, toma corpo e constrói uma coerência interna e passa a

^{**} Doutor em história, professor do Curso de história da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

^{††} Mestre em história, professor do Curso de história da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

atuar, por sua vez, no embate de outras experiências (a cultura aqui é compreendida como valores, modos de vida, visões do mundo, sentimentos, crenças, tradições, mitos etc.). O conjunto dessas experiências orienta, dá os vetores e os caminhos das novas lutas. O grau de consciência social, conquistado na experiência e na luta, determina os caminhos da história, que o processo é indeterminado. (THOMPSON, 1982).

As trabalhadoras e os trabalhadores de Criciúma do setor ceramista experimentaram no seu cotidiano as mais diversas experiências: organizações sindicais, migrações, resistências, bem como as transformações mais recentes no mundo do trabalho. Por isso, entendemos que o cotidiano é mais do que a simples descrição das condições materiais de vida é também, visualizar as experiências vividas, percebendo como as pessoas experimentaram “as relações sociais (classe, gênero, étnicos, etc..) em que estão envolvidas, tendo como referencial continuamente reconstruído a sua cultura”. (WOLF, 1991).

Maria Leite da Silva Dias, diria que dentro dessa categoria é importante observar que: “sempre relegando ao terreno das rotinas obscuras o cotidiano tem-se revelado na história social como área de improvisação de papéis informativos, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de lutas”. (DIAS, 1992: 50).

Encaramos o cotidiano como o espaço de mudança, divergindo assim, de uma história normativa e pré-determinada, posicionando-se à frente de um campo aberto de possibilidades, o qual admite o “contingencial”, “o fortuito”, e as “inventividades” dos agentes sociais. (DIAS, 1992: 50).

Boa parte desse trabalho foi desenvolvida através de entrevistas com as trabalhadoras de setor cerâmico. Assim recorremos à noção “memória” de Holwachs e Ecléia Bosi, e a história oral de Antonio Torres Montenegro. Quanto às reflexões sobre a memória, lembramos que ela tem o poder de nos encantar e afetar com os detalhes fugidios, porque as narrativas expressam-se a partir de pontos de vistas próprios, buscando do ontem e reinterpretados hoje. Cada depoente tem uma história, é personagem do próprio enredo, e mesmo que esse misture memória coletiva não deixa de ter um componente individual.

Maurice Halbwachs nos diz que a memória é constituída por grupos sociais, tem uma dimensão coletiva, espontânea, múltipla, guardiã do passado e manifestada na pluralidade afetiva. Mesmo com esse argumento Halbwachs não tira do indivíduo a faculdade de lembrar, pois, apesar de trazer componentes significativos que possam ser

compartilhados coletivamente pela memória o ato de lembrar tem sua própria seletividade. (HALBWACHS, 1990). Sendo assim, Alessandro Portelli argumenta que: “o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. (PORTELLI, 1997: 16).

No entanto, cabe a nós, historiadores, fazer a leitura nas entrelinhas desses discursos, rever interpretações e questionar o que parecia inquestionável, pois como afirma Ecléia Bosi “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar como imagens e idéias de hoje as experiências do passado”. (BOSI, 1987: 17).

Dessa forma, história oral é, sem dúvida, um dos possíveis caminhos para a compreensão de relações passadas. Na oralidade a memória se apresenta como importante na medida em que realça o sensível, descobre o desejo, relembra passagens e desdobra fragmentos indivisíveis que só a curiosidade pode fazer transbordar.

Por isso, o entrevistador “deve ser visto como um parteiro do entrevistado, que não conhece a pressa e muito menos a impaciência e que está sempre disponível a ouvir as histórias do entrevistado com atenção e respeito mesmo ela tendo ou não significado para sua pesquisa em tela”. (MONTENEGRO, 1992: 57). O historiador deve respeitar a fala do entrevistado como meio de obter uma narrativa natural e espontânea.

No que tange as fontes, foram realizadas sete entrevistas. Destas, cinco com trabalhadoras, duas com trabalhadores sendo que um deles era o presidente do sindicato dos ceramistas. Como fica evidenciado no exposto a maioria das entrevistas foram realizadas com mulheres, pois em alguns setores da cerâmica elas eram maioria. Além disso, foram também utilizados os jornais de circulação na cidade de Criciúma, durante as décadas de 60 e 80, 78 fichas de admissão do arquivo das cerâmicas CESACA e CECRISA e uma ata do sindicato dos trabalhadores referente a uma assembléia geral.

A EMERGÊNCIA DAS CERÂMICAS

O município de Criciúma desde meados do século XX é conhecido como a “capital do carvão” devido à presença das empresas mineradoras que exploravam suas jazidas de carvão que se tornaram o carro-chefe da economia desse município.

A acumulação de capital ocorrido com a extração do carvão contribuiu para o processo de diversificação da economia no município. Outras atividades que até então

estavam pouco presentes no cotidiano das pessoas, como os setores da cerâmica, vestuário, calçados, plástico e a indústria metalúrgica passaram a ganhar espaço. Essas atividades, até então ofuscadas pelo sucesso que representava a mineração, com a crise do setor, passaram a ganhar seu espaço e a compor com mais expressão a economia da região.

Sobre essa diversidade ocorrida na cidade José Paulo Teixeira analisa:

Mas a diversificação econômica no município se desenvolve plenamente, rompendo com o “exclusivismo” da mineração, nos anos 60 e 70. Setores do empresariado começaram a perceber que as chamadas crises do carvão não decorriam apenas da dependência do setor em relação às políticas e decisões governamentais, mas do esgotamento do modo “exclusivista” adotado e passam a investir em outros ramos industriais, como a cerâmica e o vestuário. (TEIXEIRA, 1996: 60).

O bom resultado gerado pelas “novas” atividades fez com que tradicionais empresários do setor extrativista passassem a se decidir também a um desses novos setores em amplo crescimento. Exemplo disso é a família Freitas que acabou ampliando os seus negócios para o setor cerâmico, que futuramente transformaria a região no maior pólo de revestimento cerâmico do país. Sobre essa transição Maurício dos Santos diz: “A trajetória da diversificação é presente em quase todas as grandes mineradoras, fazendo com que os empresários do carvão se façam presentes em quase todos os setores da economia do Sul de Santa Catarina”. (SANTOS, 1995: 65).

A implementação do setor cerâmico teve início no final da década de 1940. Em 1946 se instalou em Criciúma a Cerâmica Santa Catarina Ltda, mais conhecida com Cesaca, que possuíam 16 sócios. A cerâmica ocupava uma área aproximadamente de 3.814 metros quadrados 140 trabalhadores, sendo 89 homens e 51 mulheres. (FILHO, 2002) Percebe-se o grande número de mulheres empregadas no setor desde o início.

Posteriormente, na década de 50, entra em funcionamento a Cerâmica Eliane localizada hoje no município de Cocal do Sul. Mais tarde surge em Urussanga a cerâmica Ceusa, e no final dos anos 60 instala-se em Criciúma a cerâmica Cecrisa que se tornaria posteriormente a maior cerâmica da região Sul, sendo comandada pelo grupo Freitas. Na década de 80, instalaram-se no parque industrial, localizado em Criciúma no bairro Primeira Linha as cerâmicas Portinari, Eldorado e De Lucca. (FILHO, 2002)

Conforme Maurício Aurélio dos Santos:

A diversificação econômica da região Sul de Santa Catarina, iniciada no final da década de 1940, com o setor cerâmico, através da criação da CESACA, Cerâmica Eliane, bem como a CEUSA, entre outras, toma novo fôlego na década de 1970, em especial na cidade de Criciúma. (SANTOS, 1997: 71).

Podemos inferir que as sucessivas crises enfrentadas pelo setor extrativista contribuíram para que ocorresse uma diversificação industrial. No entanto como já exposto anteriormente, muitos empresários passaram a dedicar-se a estes novos setores (cerâmica, vestuário, calçado e plástico). Nas décadas seguintes o setor cerâmico começou a ganhar espaço constituindo-se em uma das principais atividades econômicas desenvolvidas no município. Com grande sucesso representado pela nova atividade, Criciúma aos poucos deixou de ser conhecida somente como a “Capital Brasileira do Carvão” e passando também a ser conhecida como a “Capital do Azulejo”.

Ano	Carvão	Cerâmica	Têxtil- vestuário	Metal- mecânico
1960	3.931	212	39	20
1965	4.291	149	75	97
1970	3.488	829	331	188
1975	3.970	2.107	751	882
1980	4.399	3.314	2009	1.584
1985	7.431	3.618	1.927	1.411
1990	3.238	5.046	1.779	924
1995	1.495	2.221	2.907	1.043
2000	1.154	2.233	3.682	1.173

Números de trabalhadores por setor nas décadas de 1960 a 2000. (FILHO, 2002)

Como podemos observar, durante as décadas de 60 até 80 houve um grande crescimento da mão-de-obra no setor da cerâmica, enquanto o setor da mineração a partir da década de 80 e 90 foi experimentando várias crises levando ao fechamento de algumas minas de carvão na região, e conseqüentemente a diminuição do número de trabalhadores. A diminuição dos postos de trabalho no setor cerâmico viria ocorrer na década de 90 com o fechamento das maiores cerâmicas no município: a Cesaca e a Cecrisa posteriormente. Enquanto isso o número de trabalhadores do setor do vestuário acabou crescendo.

Observamos também que durante as décadas de 60 até 80 o setor do vestuário juntamente com o setor do metal-mecânico cresceu e passaram a fazer parte da economia do município, porém a partir da década de 90 esses setores começam a decair e somente no ano de 2000 voltaram a crescer.

Em 1987, período pelo qual o setor carbonífero passava por uma crise, os setores do vestuário e cerâmico geravam aproximadamente 15.000 empregos diretos, sendo que a maior parte deles ocupados por mulheres. Cerca de 42,2% dessas mulheres que trabalhavam nas malharias e nas cerâmicas anteriormente eram donas de casa, trabalhavam na agricultura com seus pais ou marido. (10,9%). (FILHO. NETO, 1997) Neste contexto, podemos dizer que muitas dessas mulheres que trabalhavam nas cerâmicas e nas malharias, anteriormente poderiam ter trabalhado como escolheiras nas minas de carvão da região.

Carlos Renato Carola observa que:

Principalmente nas décadas de 1940 e 1950, as mulheres constituíram uma força de trabalho significativa nas minas de carvão da região carbonífera de Santa Catarina. Sua presença no espaço das minas deu-se por, pelo menos, trinta anos de mineração, mas aos olhos da história oficial, elas ficaram imperceptíveis. (CAROLA, 2002: 24)

Muitos dessas trabalhadoras e trabalhadores haviam abandonado o trabalho no campo, deixando suas cidades e migrando para Criciúma buscando construir uma nova vida em que tivessem melhores condições e, o mais importante, conseguir dar aos filhos o que muitos não tiveram, devido à falta de oportunidade de estudo.

Cidade natal	Nº de trabalhadoras e trabalhadores	Participação %
Araranguá	22	3,9
Criciúma	162	28,7
Imaruí	20	3,5
Imbituba	53	9,4
Jaguaruna	22	3,9
Laguna	82	14,5
Lauro Muller	10	1,7
Orgias	23	4,0

Palhoça	12	2,1
Tubarão	44	7,8
Urussanga	26	4,6
Outras cidades	83	14,7
Não identificado	4	0,7
Total	563	100

Procedência dos trabalhadores do setor cerâmico de Criciúma na década de 1970. (LUZ, 2005)

No quadro acima podemos analisar a procedência dessas trabalhadoras e trabalhadores que deixaram para trás suas cidades e vieram para Criciúma na década de 70, principalmente para tentar construir em Criciúma uma nova vida. Nesse período as cerâmicas necessitavam de um grande contingente de trabalhadores, pois grande parte do trabalho era realizado de forma manual. A maioria das trabalhadoras e trabalhadores do setor cerâmico de Criciúma era constituída de mão-de-obra migrante, provenientes dos vários municípios do Sul Catarinense e até de outras regiões do estado. Como demonstrar o quadro acima 71.3% da mão-de-obra foi formado por migrantes que impulsionadas pela grande propaganda feita pelas cerâmicas de Criciúma abandonaram suas antigas formas de trabalho (agricultura, pesca, mineração...) na perspectiva de melhorarem suas condições de vida.

1.1 AS VÁRIAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO

As trabalhadoras e trabalhadores de Criciúma do setor cerâmico vivenciaram no cotidiano do espaço fabril, as mais diversas experiências: organização sindical, formas de sociabilidade, lutas e resistências, como os exemplos apresentados a seguir.

A senhora Idene Silvano Barbosa (2006) começou a trabalhar na cerâmica Cecrisa com a idade de 25 anos, trabalhou durante o período de 1989-1991, na função de escolha, no entanto, ela como muitas outras trabalhadoras, nessa época não precisaram fazer exames médicos para serem admitidas eram contratadas sem esse procedimento.

Em sua narrativa Idene explica que trabalhou durante dois anos na cerâmica no horário das 14 às 22 horas, com apenas 40 minutos para fazer lanche. Após o fechamento da cerâmica Cecrisa em 1991, Idene decidiu não trabalhar mais no setor cerâmico, e passou a cuidar de sua família. Durante esse período que ficou “sem trabalhar” Idene retornou aos estudos e concluiu o Ensino Médio, (2006). Idene aos 42 anos trabalha na igreja de Nossa Senhora da Salette, fazendo serviços gerais. (BARBOSA, 2006)

Na narrativa da senhora Idene Silvano Barbosa, ficou evidenciado as duras condições de trabalho no setor cerâmico. O trabalho de classificadora era muito cansativo, pois se trabalhava em pé. Os azulejos eram classificados sobre uma mesa onde duas a quatro mulheres os classificavam, encaixotavam e colocavam nos **estrados**.

A experiência de trabalho da senhora Ana Zuleide Rossi começou logo cedo, pois ela, juntamente com seus irmãos, eram agricultores fazendo o plantio do milho e fumo. Em 1982, aos 21 anos, entusiasmada com a propaganda feita pelas cerâmicas, saiu de sua cidade (Treviso) e veio para Criciúma e logo começou a trabalhar na cerâmica Cesaca, como operadora industrial. Posteriormente passou a trabalhar no setor de serigrafia. Quando se aposentou em 1996, Ana acabou saindo da cerâmica e passou a se dedicar aos estudos, em 2000 formou-se em enfermagem. (ROSSI, 2007)

Ana Zuleide Rossi (2007) relata que começou a trabalhar na cerâmica Cesaca, na função de operadora industrial e trabalhou na esmaltadeira, depois passou a trabalhar na serigrafia, ou seja, fazendo a decoração dos azulejos. Ressalta que antes de chegar a ela os azulejos passavam pelas seguintes etapas: eram queimados, seguiam para o véu (máquina responsável pela esmaltação do azulejo), depois os mesmos iam para o rebarbador, que retirava as laterais e o esmalte que havia em excesso.

Para finalizar o processo o azulejo chegava à serigrafia, e dependendo do desenho, passava por três ou quatro serigrafias. Ana relata também que ouvia dizer que inicialmente esse processo era feito manualmente, mas quando começou a trabalhar na cerâmica, esse processo de serigrafia já era feito mecanicamente. Fica evidente que Ana lembra muito bem de todo o processo de fabricação do azulejo na sua época. Sobre sua experiência de trabalho ela ainda recorda:

Quando comecei a trabalhar em 1982 o salário era em média Cz\$ 18, trabalhávamos de segunda a sábado, entre 1987 a 1988 trabalhavam sábados e domingos e folgava 6 por 2, os azulejos eram 20x20. Na cerâmica tinha 80% de mulheres e 20% homens (nos setores de

serigrafia e da classificação) devido as mulheres terem mais paciência e mais prática. (ROSSI, 2007)

Na narrativa de Ana, podemos observar uma divisão do trabalho masculino e feminino em alguns setores das cerâmicas. O gênero aparece para definir as atividades desempenhadas por homens e mulheres. As mulheres eram muito requisitadas nos setores da serigrafia e da classificação, eram reconhecidas pela sua paciência e sensibilidade, visto que as mesmas não deixavam passar por elas nenhum azulejo com defeito. No entanto, sua jornada de trabalho era igual ao dos homens, e também não recebiam nenhum benefício a mais que os homens.

A significativa presença das mulheres na cerâmica e a divisão do trabalho masculino e feminino nas cerâmicas foi também abordada pelo Presidente do Sindicato dos Ceramistas Itaci de Sá desde de 1967, à frente do Sindicato. Itaci de Sá já passou por muitas experiências na direção da instituição. Com mais de 40 anos na presidência do sindicato vivenciou muitas greves, a emergência de novas tecnologias, ocorrida principalmente a partir da década de 80 e também o fechamento de tradicionais cerâmicas (Cesaca e Cecrisa), que durante muitos anos proporcionaram emprego para muitos trabalhadores.

De acordo com o Itaci de Sá, a mão-de-obra no setor na década de 80 era constituída de 50% de mulheres e 50% de homens. Nos setores da escolha e serigrafia elas representavam cerca de 70%. (SÁ, 2003) Explica que as mulheres trabalhavam neste setor, pois “mulher tem mais habilidade, mais sensibilidade na classificação, tem que ter sensibilidade”. (SÁ, 2003) A narrativa de Ana e do presidente do Sindicato se aproximam e ao que tudo indica havia um consenso no que tange a suposta paciência, sensibilidade das mulheres no desempenho de determinadas atividades nas cerâmicas.

Em sua narrativa Itaci de Sá, aponta para as mudanças introduzidas com as novas tecnologias. Destaca o uso das prensas automáticas com os atomizadores que levaram ao aumento da qualidade em 95% a 98%. Esses azulejos eram classificados em três níveis de acordo com sua qualidade, que iriam de A a C. Os azulejos classificados com a letra A eram aqueles que não possuíam nenhuma falha ou pigmentos, já os azulejos B e C eram inferiores, mais baratos e possuíam mínimas rachaduras ou diferenças de esmaltação. (SÁ, 2003)

Antes de ocorrer à mecanização das cerâmicas, necessitava-se de uma grande demanda de mão-de-obra, sendo ela na sua maioria, não qualificada e muitos

trabalhadores eram inclusive analfabetos. As novas tecnologias contribuíram para diminuir o número de trabalhadores na cerâmica, mas em especial a mão-de-obra feminina.

Contraopondo-se aos dados apresentados pelo Presidente do Sindicato a pesquisa de Maurício Aurélio dos Santos, também faz referência à participação das mulheres na mão-de-obra das cerâmicas. Seus dados diferem frontalmente dos fornecidos pelo sindicato da categoria. Segundo Santos “na primeira metade da década de 80 o conjunto de mão-de-obra contou com 18,5% de mulheres, subindo para 25,5% na segunda, metade, caindo para 24,4 na primeira metade da década de 1990”. (SANTOS, 2002: 399)

De todo modo mesmo apresentando dados diferenciados o que ficou evidenciado foi à presença significativa de mulheres trabalhando no setor cerâmico, bem como a divisão do trabalho efetuado por homens e mulheres.

Itaci de Sá ainda busca explicar a diminuição do trabalho feminino na cerâmica. Destaca a gravidez (licença maternidade) e a menstruação (muitas mulheres não se sentiam bem nesses períodos e faltavam ao trabalho) como “problemas” enfrentados pelas mulheres que levavam ao afastamento do trabalho.

Existe aquele problema de que, não é problema, é uma coisa natural, mas a mulher tem o problema da gravidez, da menstruação, aquele negócio todo. Então o que as empresas fizeram foram eliminando as mulheres desse setor. (Sá, 2003)

As palavras do presidente do sindicato nos levam a interpretar dois significados: primeiro, a falta de conhecimento do mesmo em relação ao real percentual do contingente feminino na categoria, pois, segundo os dados apresentados por Santos, (2002) baseados em fontes documentais oficiais, a participação das mulheres no setor era bem menor. Em Segundo, observa-se que não havia nenhuma ação por parte do Sindicato no sentido de defender a manutenção do trabalho feminino.

As evidências nos permite inferir também que foram as novas tecnologias a principal responsável pela significativa diminuição do trabalho feminino no setor cerâmico e o suposto “problema” trazidos pelas mulheres constitui-se de um discurso criado pelo presidente do sindicato e também pelos empresários para justificar essa diminuição.

A experiência de trabalho de Maria Salete Budny começou cedo aos 16 anos, solteira começou a trabalhar na cerâmica Cesaca na função de auxiliar de servente. Por ter começado a trabalhar muito nova não pode concluir seus estudos, que

futuramente lhe acabaria fazendo falta, pois com o fechamento da cerâmica Cecrisa a maioria de seus colegas foi trabalhar na cerâmica Portinari, mas Salete por não possuir 2º grau completo não pode.

No entanto Salete nunca desistiu de trabalhar, após deixar a cerâmica casou-se e passou a trabalhar na casa do presidente do sindicato e no hospital São José. Em 2006 com 42 anos foi trabalhar em um restaurante fazendo serviços gerais. Salete ainda relata que quando resolveu casar em 1981, acabou sendo convidada pelo supervisor a retirar-se da cerâmica e deixar o trabalho, pois, mulher casada engravidaria, acabaria se afastando do trabalho e trazendo prejuízos para a empresa. (BUDNY, 2006)

Além dos trabalhadores casados (8,2%) havia também um grande número de solteiros (10,3%), desquitados (5,6%) e noivos (2,5%). A maior parte desses trabalhadores, por falta de oportunidade, não estudaram. Cerca de 12,1% possuíam apenas o Ensino Fundamental incompleto, (1º ano), aproximadamente 8,4% possuíam o Ensino Fundamental (anos iniciais completo). Apenas 6,4 tinham o Ensino Médio completo, sendo os homens aqueles que possuíam a maior escolaridade, pois, as mulheres eram tidas como aquelas que ficavam em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. (ARQUIVO CECRISA)

A experiência de trabalho do senhor Ângelo Bortolize Neto, começou aos 17 anos, solteiro começou a trabalhar na cerâmica Cesaca em 1964, no setor das prensas. Após alguns anos trabalhando na cerâmica em 1980, foi convidado pelo presidente do sindicato a fazer parte do mesmo. Em 2007, aos 60 anos o senhor Ângelo ainda trabalhava no sindicato.

Sobre a sua experiência de trabalho na cerâmica o senhor Ângelo recorda:

O trabalho na cerâmica era um trabalho pesado, todos os setores eram pesados, todos gostavam porque a gente vinha do interior à gente vinha da roça, então o trabalho era bom. O trabalho era manual, não cheguei a pegar o tempo da cerâmica mecanizada, acho que o trabalho hoje é bem melhor. (BOTOLUZE, 2007)

Como na maioria das empresas, ao entrar pra o trabalho fabril, o trabalhador passava por um período de 30 dias sendo avaliado pelos supervisores. Nas cerâmicas a avaliação era realizada através de conceitos:

MI médio inferior, MS médio superior, BB bom, O trabalhador era avaliado em cinco conceitos: disciplina, assiduidade, disposição para o

trabalho, produtividade e responsabilidade. Cada um recebia um conceito de avaliação. Se o trabalhador não passasse nesses quesitos era quase certo que seria dispensado da empresa. (ARQUIVO CECRISA)

Através destes conceitos podemos perceber como era a disciplina na cerâmica, os trabalhadores deveriam ser aprovados durante o período de experiência nos cinco conceitos que a cerâmica haviam proposto que eram: disciplina, assiduidade, disposição para o trabalho, produtividade e responsabilidade. Caso o trabalhador não fosse aprovado era dispensado da cerâmica, pois, para eles, o que interessava eram trabalhadores disciplinados que dessem produção.

Em muitos casos, os funcionários nem chegavam a passar pelo período da experiência, como relata Maria Salete, após ter feito o psicotécnico começou a trabalhar na cerâmica Cesaca em 1978, como auxiliar de servente e quatro meses depois foi promovida para trabalhar na classificação. Nesse período o processo de fabricação e classificação do azulejo ainda era feito manualmente.

Em 1985, Maria Salete passou a trabalhar na cerâmica Cecrisa, ainda como classificadora. As condições de trabalho já eram melhores, pois os funcionários utilizavam luvas e assim não queimavam as mãos e os dedos com azulejos que saiam quente dos fornos. Todos trabalhavam de uniformes. Segundo Salete, no início o trabalho era lento e os trabalhadores davam conta da produção, mas com a chegada das máquinas, ficou mais rápido e muitas vezes os trabalhadores não davam conta. (BUDNY, 2006)

Na década de 1970 a maior parte das trabalhadoras e trabalhadores da cerâmica Cecrisa recebia em média um salário de mil cruzeiros, equivalente a dois salários mínimos da época, e trabalhavam 8 horas por dia, com direito à meia hora de descanso.

Já as trabalhadoras e trabalhadores da cerâmica Cesaca recebiam seus salários por hora trabalhada e mais a insalubridade que variava de acordo com a função. O servente recebia 1,04 cruzeiros por hora, mais 10% insalubridade. Os serventes da esmaltadeira recebiam 6,30 por hora e 20% de insalubridade. Esses salários variavam de acordo com o horário de trabalho e muitas vezes de acordo com o sexo do trabalhador. A diferença de salário existente entre mulheres e os homens eram significativas. Geralmente, as mulheres trabalhavam nos mesmos horários dos homens, ainda assim recebiam salários menores.

O SINDICATO E OS TRABALHADORES

Com o aumento da produção e o sucesso do setor, as trabalhadoras e trabalhadores da cerâmica passaram a reivindicar melhores condições de trabalho, e também aumento salarial. Dessa forma, por muitas vezes foram feitos acordos entre trabalhadores e empresários. Entretanto, alguns desses acordos não foram cumpridos pelos empresários e os trabalhadores viram nas greves a maneira de fazer com que suas reivindicações fossem atendidas.

Neste contexto, em 1979, os ceramistas juntaram-se aos mineiros e aos metalúrgicos fazendo uma greve com a adesão de varias categorias de trabalhadores. O jornal da época relata este acontecimento: “Os empregados da Cerâmica Santa Catarina (CESACA) e Cerâmica Criciúma (CECRISA) não compareceram ao trabalho em virtude de todos estarem reivindicando também melhores salários.” (CORREIO DO SUDESTE, 12/09/1979: 4)

Após uma série de negociações, entre sindicalistas e empresários, as reivindicações dos trabalhadores acabaram sendo atendidas. Não há nos anos seguintes notícias de greves que tenham parado ou mobilizado outros setores já que muitos por medo preferiram não realizar greves e nem faziam parte da direção do sindicato.

Sobre esse sentimento dos funcionários o senhor Ângelo recorda: “O sindicato até aparecia lá, mas o problema era que o pessoal tinha medo, pois dizia se tu fores do ou no sindicato você vai para rua, não sei se era pressão dos encarregados ou da direção da empresa”. (BOTOLUZE, 2007)

A partir de 1982, as trabalhadoras e trabalhadores da Cerâmica Cecrisa enfrentaram várias dificuldades, a empresa estava com problemas em vender seus produtos, e para não obter prejuízos resolveu reduzir sua jornada de trabalho de 48 horas para 40 horas semanais e conseqüentemente levando a diminuição dos salários.

Esta situação começou a se estabilizar somente a partir dos anos de (1985-1986), já era possível vislumbrar o bom momento para o setor. A jornada de trabalho havia voltado a ser de 48 horas semanais e os trabalhadores já apresentavam novas reivindicações aos empresários. (TRIBUNA CRICIÚMENSE, 27/11/1982: 1)

No entanto, quando perguntamos nas entrevistas, sobre a atuação do Sindicato da categoria, ficou claro a insatisfação e o descontentamento por parte das trabalhadoras. Insatisfação essa, que pode ser entendida no relato de Terezinha Garcia que trabalhava na Cerâmica Cecrisa como auxiliar de escolha:

Naquela época a gente até achava que trabalhava, mas depois, assim com o tempo, eu não sei. Como é que vou dizer, a gente passou a não acreditar mais. Eu pagava, mas não acreditava tanto. Depois de uns cinco anos, teve uma época do pagamento desse mesmo dissídio coletivo, que eu fiz quarenta e oito dias de greve e eu perdi minhas férias inteira. Quer dizer que não ganhamos nada. Eu vi que era um sistema que não dava certo. Ai, muitos disseram que foi por culpa do sindicato, né. O sindicato ajuda mais o patrão do que os funcionários. (GARCIA, 2006)

A narrativa de Terezinha demonstra a sua insatisfação e desconfiança com o sindicato, na defesa dos direitos dos trabalhadores, já que em muitos momentos o Sindicato da categoria esteve mais a favor dos proprietários das cerâmicas do que dos próprios trabalhadores que sempre lutaram para conseguir melhores condições de trabalho a aumento salarial.

Terezinha considera a atuação do sindicato ineficiente na defesa dos interesses da categoria. Esta atuação sindical é conhecida como uma atuação pelega, que atua apenas como um mediador nos conflitos, não como um órgão de defesa dos trabalhadores. (VOLPATO, 1984)

O setor cerâmico alcançou seu auge por volta de 1987. Nesse contexto, os trabalhadores reivindicaram o aumento salarial de 185% e também a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem diminuição dos salários. (JORNAL DA MANHÃ, 22e23/11/1987: 3)

Sobre estas reivindicações o Jornal da Manhã comentava:

(...)Itaci de Sá confia no bom senso dos empresários nas negociações salariais. Ele disse que as **possíveis realizações Americanas**, que devem atingir o setor cerâmico “não são motivo para trancar as negociações”(...), portanto sabemos que o que existe são tentativas de usarem uma situação generalizada. (JORNAL DA MANHÃ, 22e23/11/1987: 3)

Após a conquista das trabalhadoras e trabalhadores das cerâmicas da redução de sua jornada semanal em 1987, um ano depois, eles pararam novamente. Agora reivindicando jornada de 6 horas diárias ao invés de 8 horas. Segundo, o Jornal da

Manhã(...) com a adesão de mais de 90% dos cerca de dez mil operários hoje a tarde a categoria ia reunir-se em assembléia. (JORNAL DA MANHÃ, 22 e 23/11/1987: 3)

No cenário nacional ao longo da década de 80, ocorreram mudanças no papel e na organização sindical que contribuíram para ampliar as lutas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho. Essas mudanças foram analisadas por Armando Júnior:

Houve um progressivo afrouxamento do controle governamental sobre a vida interna dos sindicatos. Diversas correntes sindicais mais agressivas no plano de luta reivindicava e de orientação não governista ascenderam no interior da estrutura sindical oficial. O resultado foi que parte significativa e crescente dos sindicatos oficiais passou a ser utilizada para organizar e dirigir a luta sindical dos trabalhadores. (JUNIOR, 1991)

No que tange a participação das trabalhadoras e dos trabalhadores nas lutas da categoria foi possível distinguir dois grupos bem distintos: aqueles participavam ativamente das lutas, das greves e aqueles que não participavam. Muitas trabalhadoras e trabalhadores não acreditavam nas greves, pois interpretavam que sempre saiam prejudicados. Alguns até participavam dos movimentos de greve, mas não se envolviam diretamente nos piquetes realizados pelo sindicato. Assim conclui-se que o sindicato não era devidamente organizado, pois muitas trabalhadoras e trabalhadores não participavam das suas ações mais importantes.

Exemplo dessa desorganização pode ser percebido no relato de Ana que durante uma greve, sem poder trabalhar e não querendo participar dos piquetes, foi para a casa de seus pais para trabalhar na roça e após o término da greve voltou a empresa. (ROSSI, 2007) Porém alguns simpatizantes da greve foram demitidos da cerâmica, pois eram vistos pelos patrões como arruaceiros que a qualquer momento poderiam realizar novas greves.

Na greve desencadeada em 1988 pelos trabalhadores, foram 37 dias de paralisação, as cerâmicas já calculavam seus prejuízos, já que deixaram de produzir mais de 300 mil metros de azulejos diários. A greve durou mais de 37 dias, acabou em novembro, sem que os trabalhadores conseguissem que suas reivindicações fossem atendidas. A paralisação teve grandes proporções e se continuasse era quase certo que os trabalhadores conseguiriam as suas 6 horas diárias. (JORNAL DA MANHÃ, 19 e 23/11/1988: 3 e 5) Segundo Idene, “no final parecia que o Sindicato havia sido comprado pela empresa”. (BARBOSA, 2006)

No final da década de 80 e início de 90, vários setores produtivos foram atingidos provocando desemprego, deixando as trabalhadoras e trabalhadores do município e da região em uma situação muito delicada. Cerca de 12,6% da população encontrava-se em situação desesperadora, devido aos efeitos devastadores que a crise da era Collor ocasionou no município e região sul do estado.

Sobre a crise que atingia o município José Paulo Teixeira explica

O fantasma do desemprego atingiu todos os ramos de atividades. Além dos setores cerâmicos e as mineração, os mais duramente atingidos, a recessão diminuiu a oferta de emprego nos setores metalúrgico, vestuário e calçados(...)Apenas nos setores industriais analisados, mais de oito mil trabalhadores perderam seus empregos, o que representa 22% do total analisado. Dos nove mil trabalhadores nas indústria cerâmica, 7600 estavam em férias ou em licença remunerada e, em torno de 400 perderam seus empregos. No setor do vestuário houve cerca de duas mil demissões. (TEIXEIRA, 1996: 72)

Em 1989 o setor cerâmico novamente desencadeia uma greve para reivindicar um aumento salarial de cerca de 219%. Na assembléia os empresários ofereceram reajuste de 67,5% que não foi aceito pela classe operária. Após muitas negociações finalmente os empresários ofereceram 100% de reajuste. Sabendo que um aumento superior não seria dado pelos empresários, as trabalhadoras e os trabalhadores aceitaram a proposta e voltaram ao trabalho. Para o advogado Milton Mendes de Oliveira: “difícilmente se conseguiria um reajuste melhor se fosse para o Tribunal Regional do Trabalho”. (JORNAL DA MANHÃ, 14/02/1989: 3)

O Sindicato dos trabalhadores Ceramistas de Criciúma, bem como os demais sindicatos, temia que o mesmo fim trágico do setor extrativista pudesse ocorrer no setor cerâmico. No entanto, em pouco tempo à crise foi sendo controlada, e o setor foi se recuperando. Segundo Santos isso somente ocorreu por que: “Ao contrário da economia carbonífera, a indústria cerâmica não depende do governo como principal comprador, o que a torna mais dependente dos novos investimentos, para poder competir.” (SANTOS, 1997: 84)

Como se pode observar seguindo um movimento nacional a década de 80 foi para as trabalhadoras e trabalhadores de Criciúma o período de maior mobilização de lutas e resistências, de reivindicações por melhores salários, condições de trabalho, diminuição da jornada de trabalho, etc, num contexto em que o país experimentava um

processo de transição política e uma crise econômica que castigou profundamente vários setores da indústria da cidade.

2.1 – ADVERTÊNCIA, SUSPENSÕES E RESISTÊNCIAS: NO CHÃO DA FÁBRICA

Élson Speck:

Lamentamos adverti-lo pela irregularidade ocorrida no dia 30/12/71, quando houve corte no fornecimento de energia elétrica ocasionando o desligamento dos fornos. Com o retorno da energia, os fornos foram religados, com exceção do P-1.4089, o qual permaneceu desligado por 4 horas, cuja grave consequência são plenamente de seu conhecimento. Esperamos sinceramente que fatos dessa natureza não mais venham a ocorrer. (Gilberto Oliveira – Departamento Administrativo). (ARQUIVO CESACA/CECRISA)

Os supervisores eram vistos como carrascos pelos funcionários já que a qualquer descuido como ocorreu com Élson Speck ou pequeno atraso, lá estavam eles sempre dispostos a adverti-los ou suspendê-los. Algumas entrevistadas relataram que suas relações com seus patrões, encarregados(a) e às vezes até mesmo com seus colegas de trabalho, não eram boas e muitos chegavam a discutir e brigar. Outros revelaram que suas relações eram boas, tanto com os patrões como também com os colegas.

Ana relata que nos finais de semana se reunia com as colegas e iam para as festas, missas e bailes, para se divertir e descansar do trabalho da cerâmica. Ângelo recorda que no seu setor havia muita união, e muitas vezes após o expediente os amigos da fábrica saíam para irem a um barzinho e realizavam uma festinha. Sobre essas confraternizações Ângelo ressalta: “nos não se encontrava toda vida, só nos fins de semana, e principalmente quando saía o pagamento”. (BORTOLUZE, 2007)

Conforme Ângelo, dentro da empresa havia vários comentários sobre as advertências e suspensões. No entanto, ele nunca chegou a entrar em detalhes sobre as causas das advertências, mas ouvia falar que acontecia devido à falta de atenção das pessoas que deixavam cair no chão o material (azulejos) ou quebrava o próprio material e alguns propositalmente deixavam passar material com falhas. Segundo Idene “se houvesse três ou quatro reclamações já levava advertência. A gente assinava uma folha, se tivesse três ou quatro era suspensa do serviço.” (BARBOSA, 2006)

Exemplo disso foi o de Alfra Coelho, que recebeu uma suspensão do seu supervisor: “Comunico que funcionária Alfra Coelho, ainda em período de experiência,

não é boa funcionária é indisciplinada, não demonstra nenhum interesse pelo trabalho, está sempre reclamando, nada para ela está bom.” (ARQUIVO CESACA/CECRISA)

As advertências geralmente eram dadas por motivos banais, Carlos Roberto Máximo foi advertido por ter saído do seu serviço e ter ido escrever seu nome na lama, ele negou ter escrito o nome. Elza Maria Joaquim foi advertida por ter colocado uma peça de refugo no extra, Florentina Honorato da Silva foi advertida por ter demorado no banheiro e foi advertida pela segunda vez por fazer comércio dentro da empresa. Elza Berto Silveira foi advertida por ter demorado no banheiro.

As advertências eram apenas uma forma de avisar o funcionário sobre suas faltas. Em casos mais graves os mesmos poderiam receber suspensões de dois ou três dias de serviço. Muitas dessas advertências eram conseguidas propositalmente, já que era uma forma que os trabalhadores possuíam de terem um tempinho de descanso visto que o trabalho na fábrica era muito pesado. Outras advertências, como fazer comércio dentro da fábrica, revelam a maneira pela qual alguns trabalhadores conseguiam uma renda extra, já que muitas vezes seu salário na cerâmica não garantia o sustento de suas famílias.

Outro exemplo disso aconteceu com Florentina Honorata da Silva que recebeu dois dias de suspensão por ter agredido fisicamente outra funcionária e por ter faltado vários dias de serviço sem comunicar o seu supervisor ou a empresa. (ARQUIVO CESACA/CECRISA)

O número de suspensões não era tão grande como as advertências. A maioria das advertências verbal ocorria devido à demora no banheiro e por atraso para tomar água. Esses atrasos eram também uma forma dos operários ganharem tempo, já que o trabalho era cansativo e pesado. Esse tipo de prática é chamado por Thompson de “formas simbólicas de dominação e resistência”. (THOMPSON, 1987: 189)

Ainda nesse contexto, Solange relata que a demora ao banheiro era uma forma de descanso:

(...)Ao banheiro só ia de duas em duas, né, tinha que olhar. Na escolha fria tu via tudo. Era tudo aberto, né, ai tu tinha que notar se tinha muita gente no banheiro. Era duas três por vez, só. Ai tinha aquele tanto. O encarregado, acho que via quanto tempo ficava. O certo era ficar muito tempo. Elas sentavam para descansar, enrolar. (PERRUCHI, 2006)

A demora no banheiro, como relata Solange, era uma forma de resistência dos trabalhadores, já que os mesmos eram controlados pelos supervisores que a qualquer falha estavam sempre prontos para adverti-los ou suspendê-los.

Grande parte das trabalhadoras e trabalhadores do setor cerâmico eram filiados ao sindicato dos ceramistas. A Cerâmica Santa Catarina (CESACA) foi à primeira na região a ter funcionários filiados ao Sindicato. Todos os meses contribuía com um valor para manter o sindicato e caso precisassem tinham ao seu dispor médicos e dentistas gratuitamente. (Sá, 2003)

Analisando a única ata que foi disponibilizada pelo sindicato, podemos observar que em 1988 os trabalhadores reivindicavam em assembléia alguns direitos, jornada de trabalho normal de 8 horas diárias, de segunda a sexta e, considerando o sábado dia livre e o fornecimento de lanches na ocorrência de prorrogação da jornada de trabalho, que até então não era feito pela maioria das empresas.

Nesta assembléia, ficou também estabelecido que os instrumentos de trabalho (uniformes, calçados, luvas...) seriam fornecidos pela empresa em valor de custo. Também ficou definido a estabilidade as empregadas gestantes, desde concepção até 120 dias após o término do benefício previdenciário. (ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL, 19/11/1987)

Os poucos documentos disponibilizados pelos diretores do sindicato para esse trabalho, por má vontade ou por não ter realmente um arquivo organizado e nenhum compromisso com a memória da categoria, nos dificultaram muito na realização de uma pesquisa mais apurada a fontes documentais importantes para se produzir à história dessas trabalhadoras e trabalhadores.

Foi possível perceber, no entanto, um descompasso entre as decisões tomadas em assembléia pela categoria, demonstrando um nível de consciência de seus direitos, e a efetiva participação do sindicato na luta reivindicatória por esses direitos. Isso ficou evidente nas entrevistas utilizadas nesse trabalho. Alguns entrevistados mostram claramente sua desconfiança em relação às posições do presidente do sindicato durante as greves.

Ficou evidenciado, as estratégias utilizadas por parte das empresas, para o controle das trabalhadoras e trabalhadores no espaço fabril, advertências e suspensões eram constantemente utilizadas por encarregados. Frente a isso as trabalhadoras e trabalhadores foram criando pequenas formas de resistência.

Nesse sentido, ficou a necessidade de aprofundar essa pesquisa, buscando em outras fontes, furando bloqueios, entrevistando outros trabalhadores, cruzando informações, buscando exaustivamente, produzir uma análise mais apurada das experiências dessa importante categoria de trabalhadoras e trabalhadores.

Referências:

- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo. Edusp, 1987.
- CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.
- DIAS, Maria Leite da Silva. Teoria de método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina G. de Oliveira e BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Uma questão de gênero. Ed. Roda dos Tempos: São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982, p 50.
- GOULART FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Cidade Futura. 2002.
- GOULART FILHO, Alcides, NETO, Roseli Jenoveva. *A indústria do vestuário: Economia, estética e tecnologia*. Florianópolis. Editora Letras Contemporâneas. 1997 e o jornal Tribuna Criciumense de 1981.
- JUNIOR, Armando Boito. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral: caminhos e descaminhos. In: *revista Brasileira de história* 25/26. São Paulo. ANPUH. Marco Zero, 1992.
- SANTOS, Maurício Aurélio. *Crescimento e Crise na Região de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1997.
- SANTOS, Maurício Aurélio. *Acumulação, Geração de Emprego e Diversificação no Sul de Santa Catarina: carvão, cerâmica e indústria de plástico*. São Paulo: USP, 2002. (Tese de doutorado em História).
- LUZ, Júlio César Alves da. PIC 170 de 2005. *Relatório de pesquisa: Perfil formado pelas trabalhadoras das cerâmicas de Criciúma*.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética e história oral. In: *Projeto História*, n 15. São Paulo. PUC, abril/97, p 16.
- THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TEIXEIRA, Jose Paulo. *Os donos da cidade: Poder imaginário das elites em Criciúma*. Florianópolis. Insular, 1996.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *A Pirita Humana. Os mineiros de Criciúma*. Florianópolis. UFSC. 1984.

WOLF, Cristina Scheibe. *As mulheres da colônia Blumenau: 1850-1900*. São Paulo, PUC, 1991.

Fontes Orais:

Ana Zuleide Rossi. Entrevista 2007.

Ângelo Bortoluzo Neto. Entrevista 2007.

Idene Silveira Barbosa. Entrevista 2006

SÁ, Itaci de. Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa História Econômica do Sul Catarinense (UNESC), em agosto de 2003.

Maria Salete Budny. Entrevista 2006.

Solange Marchinski Perruchi. Entrevista 2006

Terezinha Garcia. Entrevista 2006.

Periódicos:

Correio do Sudeste 12/09/1979. P4.

Jornal Tribuna Criciumense, 27/11/1982. P 1.

Jornal da Manhã. 19 e 23/11/1988. p3 e p5.

Jornal da Manhã de 14/02/1989. p3.

Arquivos:

Arquivo das empresas Cesaca/Cecrisa dos anos 60/80.

Ata da Assembléia Geral Extraordinária realizada pelo Sindicato dos trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Criciúma no dia 19/11/1987.